

RETRATO DO PAÍS || FHC DEFENDE REFORMA NAS INSTITUIÇÕES. SOBRETUDO NO ESTADO, PERMEADO "PELO COMPADRIO, PELA LENIÊNCIA E PELO DESRESPEITO À LEI"

Corrupção: verme voraz

CEDOC/PAULA SHOLL/DIVULGAÇÃO PSDB

Ao falar sobre a dificuldade do Governo de coibir crimes ambientais, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso fez ontem um retrato ruim das instituições do País, cuja reforma defendeu. "O Estado brasileiro no seu conjunto é permeado pela corrupção, pelo compadrio, pela leniência e pelo desrespeito à lei", discursou, durante um seminário sobre desenvolvimento sustentável e política ambiental realizado pelo PSDB, no Hotel Glória, na Zona Sul do Rio.

"Ou nós recuperamos a decência, ou não há o que fazer", disse FHC, de acordo com quem a "punibilidade" é o primeiro passo para aperfeiçoar políticas como a ambiental.

Ele foi a principal estrela da reunião, o primeiro encontro preparatório para o congresso nacional do partido, em setembro. FHC afirmou que a legenda deve assumir a causa ambiental como uma das bandeiras, fazendo denúncias constantes. "Um partido que queira ter relações com a sociedade, tem de ser impregnado de crença, de valores. Está faltando crença no Brasil", discursou. "Não podemos aceitar essa leniência permanente diante da corrupção. Temos de gritar com mais força. Não tem sentido o que está acontecendo no Brasil", defendeu. Na saída, o ex-presidente não quis comentar ações recentes da Polícia Federal, como a que envolve o irmão mais velho do presidente Lula, Genival Inácio da Silva, o "Vavá", ou po-

líticos relacionados à Operação Navalha, dizendo que só gostaria de falar sobre meio ambiente. "Vocês sabem o que eu penso", disse aos jornalistas.

Diante da platéia de tucanos de vários estados, convidados do PV e estudiosos da questão ambiental, FHC criticou a posição adotada por Lula na reunião do G-8 (os sete países mais ricos do mundo – Alemanha, Itália, Grã-Bretanha, Estados Unidos, Canadá e Japão – e Rússia), na Alemanha, sobre a adoção de metas para a redução de emissão de gases causadores do aquecimento global. O presidente criticara o acordo fechado entre as nações ricas, dizendo que o Brasil não aceitará pressões para que os países emergentes estabeleçam metas de redução de emissão antes dos ricos. A posição é parecida com a da China, que lida com a poluição crescente. Para o ex-presidente, o Brasil colheria frutos na política internacional se tomasse a iniciativa.

"Não podemos nos esconder no escudo da China ou da Índia. Isso está errado. O Brasil tem de dizer: 'Podemos e devemos, por nossa conta, impor limites à tragédia que está ocorrendo'", discursou. FHC classificou como "arcaísmo" a visão de que o Brasil não deve assumir a tarefa de "limpar" o que outros países "sujaram". "Há uma concepção ainda atrasada em setores da burocracia brasileira, inclusive do Itamaraty, que não percebem que o Brasil, ao assumir uma posição de vanguarda nisso, não



■ O EX-PRESIDENTE CONSIDEROU EQUIVOCADA A POSIÇÃO DO GOVERNO, DE QUE NÃO DEVE TOMAR A INICIATIVA NA DEFESA DO MEIO AMBIENTE

está fazendo o jogo da globalização, mas o jogo da defesa dos interesses do povo, de uma visão nova do mundo, de uma civilização mais democrática e mais aceitável", afirmou.

O ex-presidente disse que a maior parte das emissões brasileiras está relacionada às queimadas, que o Governo não con-

segue controlar. Por isso, argumentou, a redução seria algo positivo e não um obstáculo ao desenvolvimento industrial. FHC conclamou a platéia tucana a defender o slogan "Queimada zero" e criticou o pensamento que reduz o desenvolvimento ao crescimento econômico a qualquer preço. Para o

ex-presidente, o desafio é promover o que chama de "mudança civilizatória" e deu com exemplo a saturação do transporte rodoviário e o impacto ambiental: "Precisamos voltar aos trilhos."

No fim do evento, FHC afirmou que são "preocupantes" as últimas posições da gestão Lula

sobre o tema. "Podemos, por nossa conta e risco, nos antecipar. É bom para o desenvolvimento do Brasil que não haja queimadas, que as indústrias não emitam dióxido de carbono. Não é preciso esperar que os outros definam as metas. Podemos avançar nessas metas e fazê-las cumprir", completou.